

Em busca da Educação Moderna no Brasil: uma visão geral sobre os Grupos Escolares

In search of Modern Education in Brazil: an overview of School Groups

Laura de Oliveira¹
Drieli Veloso de Souza²
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro³
Armindo Quillici Neto⁴

86

Resumo: Este artigo objetiva compreender o contexto de criação dos Grupos escolares no Brasil na virada do século XIX para o XX, de forma a identificar os fatores que motivaram a criação dos grupos e descrever algumas de suas características. Foi utilizado como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa. Nesse sentido, para fundamentar as discussões utilizamos do lastro teórico dos autores e autoras referências no campo da História da Educação, como Araújo e Souza (2012) e Souza (1998, 2008, 2016) que tratam sobre os Grupos escolares no Brasil. Os resultados indicam que o país experimentava profundas transformações políticas, sociais, econômicas e educacionais impulsionadas pela transição do fim do Império para a República, na busca pela modernidade e progresso essas instituições primárias tornam-se símbolo do período republicano, pois acreditavam na educação como redentora da sociedade, ante os altos índices de analfabetismo no país. No entanto, devido à falta de investimento do governo, estruturas precárias e desigualdade do acesso aos alunos, é possível perceber a ineficácia da função dessas instituições na luta contra o analfabetismo, já que havia poucas escolas graduadas e a maioria delas localizavam-se no centro, priorizando à elite. Por fim, notamos que existem resquícios dessa política escolar nos dias atuais e que por meio do contexto histórico percebemos a precariedade do ensino público e a importância de políticas públicas que garantam a qualidade do ensino e a permanência dos alunos.

Palavras-chave: História da Educação. República. Grupos Escolares.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU e bolsista da FAPEMIG, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3509-3542>, laura04oliveira@outlook.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2274-0264>, drieliveloso@gmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, ORCID: <https://orcid.org/0000->

Recebido em 20/07/2024
Aprovado em: 22/08/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Abstract: This article aims to understand the context of the creation of school groups in Brazil at the turn of the 19th century to the 20th, in order to identify the factors that motivated the creation of the groups and describe some of their characteristics. Qualitative bibliographical research was used as a methodological procedure. In this sense, to support the discussions we use the theoretical basis of authors and references in the field of History of Education, such as Araújo and Souza (2012) and Souza (1998, 2008, 2016) who deal with school groups in Brazil. The results indicate that the country was experiencing profound political, social, economic and educational transformations driven by the transition from the end of the Empire to the Republic, in the search for modernity and progress these primary institutions became a symbol of the republican period, as they believed in education as a redemptive of society, given the high rates of illiteracy in the country. However, due to the lack of government investment, precarious structures and unequal access to students, it is possible to perceive the ineffective role of these institutions in the fight against illiteracy, as there were few graduated schools and most of them were located in the center, prioritizing the elite. Finally, we note that there are remnants of this school policy today and that through the historical context we realize the precariousness of public education and the importance of public policies that guarantee the quality of teaching and the retention of students.

Keywords: History of Education. Republic. School Groups.

1 Introdução

Este artigo propõe apresentar o surgimento dos Grupos Escolares no Brasil durante o final do século XIX e início do século XX. Como o Brasil tinha acabado de romper com a monarquia herdando os altos índices de analfabetismo e iniciava um novo regime republicado, que visava o interesse de todos os cidadãos, e naquele momento havia uma pressão social para a criação de um sistema público de ensino que fosse acessível para todas as camadas da sociedade.

É nessa perspectiva que emergem essas instituições com propostas de proporcionarem uma educação primária de qualidade para todos, além de propagar a ideia de busca pela modernidade e progresso, influenciado pela Europa. Assim, os Grupos Escolares se tornam como símbolo da bandeira da República, devido ao fato de ser um marco na democratização e padronização do ensino, evolução do sistema educacional e na transformação da cultura escolar.

No entanto, na prática, essa universalização enfrentava vários desafios e limitações como a falta de investimento do governo que acarretou na qualidade e na expansão do ensino; apesar da intenção dos Grupos Escolares serem para todos, priorizava a elite devido a sua localização; a desigualdade ocorreu também por questões regionais, ou seja, as que eram mais desenvolvidas foram mais atendidas.

A padronização oferecida nos Grupos Escolares buscava criar uma identidade comum e garantir uma qualidade mínima do ensino, porém fatores como investimento e recursos humanos prejudicaram na implementação dessas instituições, no qual muitas vezes foram

ineficazes.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral entender o contexto de criação dos Grupos escolares no Brasil na virada do século XIX para o XX. Além disso, como objetivos específicos busca identificar os fatores que motivaram a criação dos grupos e descrever as suas características.

Os métodos utilizados para a organização e a realização desse trabalho partiram da leitura e análise de um referencial teórico, com uma perspectiva qualitativa apoiada na pesquisa bibliográfica que segundo De Lunetta e Guerra (2023, p. 156) a “[...] pesquisa bibliográfica envolve a busca por livros, artigos, documentos oficiais e trabalhos científicos, que ajudarão a contextualizar o problema de pesquisa e identificar lacunas a serem preenchidas [...]”.

Assim, acreditamos que essa metodologia de pesquisa atende aos objetivos deste estudo. E de modo geral utilizou-se de autores como Souza (1998, 2008, 2016), Araújo e Souza (2012) e entre outros que tratam desse tema no Brasil.

2 O Contexto histórico dos Grupos Escolares no cenário educacional brasileiro

Antes de tratar das causas que geraram a criação dos Grupos Escolares cabe elucidar o que significa o próprio termo, segundo Piletti (2018) um "grupo escolar" refere-se às escolas isoladas que foram agrupadas ou reunidas em um mesmo prédio. Ou seja, antes do surgimento dos grupos o tipo de instrução que existia no Brasil no início da República para a população foram as escolas isoladas.

[...] a escola de uma única sala de aula com alunos de diferentes níveis de adiantamento, regida por um só professor. Esse tipo de escola, apesar de ter sido considerado no início do período republicano como ineficaz, improdutivo, precário, atrasado e fadado a desaparecer, continuou desempenhando, ao longo do século XX, um papel relevante na escolarização da infância no estado de São Paulo e no Brasil. Ao longo do século XX, escolas isoladas e grupos escolares tornaram-se os tipos predominantes de escolas primárias existentes (SOUZA, 2016, p. 344).

Repare que elas são opostas uma da outra, enquanto as escolas isoladas é uma unidade de funcionamento que tem apenas uma sala de aula, com um único professor e multisseriada para atender uma comunidade específica, a qual está localizada, com infraestrutura limitada. O grupo escolar emerge diferente com a ideia de “juntar” essas escolas para formar uma só, com mais estrutura, vários professores e seriada. Por essa razão nomeou-se como Grupo Escolar.

O contexto histórico e político que caracteriza como marco a origem das escolas graduadas no Brasil é vestígios de um cenário internacional. Isso porque, na Europa, no século

XIX, estava ocorrendo uma mudança econômica em razão do sistema fabril e uma das consequências foi a necessidade de formação de pessoas com mão de obra qualificada. Para atender essa demanda foi por meio da educação escolar garantindo “[...] também às classes populares os conhecimentos práticos considerados necessários à vida pessoal e profissional” (ARAÚJO; SOUZA, 2012 p.17).

Com a aceleração do processo de industrialização criou-se uma idealização de modernidade pelo mundo. Após esse movimento, o Brasil projetou-se na Europa em busca de transformar a sociedade, afastando a imagem de um Brasil atrasado, sob os princípios de progresso e de desenvolvimento. Esse pensamento foi tão forte e consolidado naquele período que até a bandeira brasileira recebeu menções de ordem e progresso conforme apontado por Araújo e Souza (2012).

Considerando a transição entre o fim do Império e o início da República em meados de 1889, o Brasil apresentava alto índice de analfabetismo em que atingia 80% da população em 1890 (ARAÚJO; SOUZA, 2012). Diante dessa situação os grupos escolares receberam a função de acabar com as taxas de analfabetismo, visto que, para alcançar o progresso e a modernização acreditavam na educação como redentora.

A autora Souza (1998) comenta sobre essa crença da educação como redentora, pois trata-se de um projeto de educação popular responsável pela formação moral e intelectual do indivíduo com o intuito de “salvar” a sociedade, mas que na verdade, o objetivo era ter controle e ordem social. Assim, os grupos escolares se tornam um símbolo da república por se tratar de uma escola pública, gratuita, laica e para todos, concretizando a democracia.

Nesse sentido, começam a surgir os Grupos Escolares. O primeiro foi no estado de São Paulo, por meio da Reforma da Instrução Paulista de 1890 (SOUZA, 1998), isso porque a economia capitalista já estava mais consolidada por ser um mercado nacional, então havia muito processo de migração e êxodo rural, pois essas pessoas busca qualidade de vida melhor e emprego. E como São Paulo era um dos estados mais avançados na busca pela modernização, precisava instruir toda a população, desde a elite até a classe trabalhadora.

Por mais que no projeto de construção dessas escolas graduadas pensasse em instrução para todos os estratos sociais, não foi bem isso que aconteceu nos primeiros Grupos escolares. Como eram construídos no centro das cidades, a sua localização beneficiava a elite e por isso, caísse por terra a narrativa de que era para todos.

O restante da população que tinha acesso à instrução primária continuou frequentando as escolas isoladas. Nesse sentido a autora Souza (2016) destaca a importância dessas escolas para quem não tinha acesso ao Grupos Escolares “[...] é preciso reconhecer o papel relevante

que elas desempenharam, disseminando a cultura escolar nos pequenos núcleos urbanos, nos bairros, vilas, distritos e, sobretudo, nas zonas rurais do estado [...]” (SOUZA, 2016, p. 372). Dessa forma, é possível observarmos o papel significativo e fundamental para o desenvolvimento e a disseminação da educação das crianças no estado de São Paulo e no Brasil. Segundo Araújo e Souza (2012) após o surgimento do primeiro grupo escolar a expansão e a disseminação dessas instituições para outros estados brasileiros ocorreram na seguinte ordem Rio de Janeiro em 1897, Pará em 1899, Paraná e Maranhão em 1903, Minas Gerais em 1906, Rio Grande do Norte e Espírito Santos em 1908, Mato Grosso e Piauí 1910, Santa Catarina e Sergipe em 1911, Bahia 1913, Acre 1915, Paraíba em 1916 e Goiás em 1918. Todas elas se baseiam como modelo a seguir o Grupo Escolar de São Paulo, além disso, podemos observar também que as regiões Sudeste e Sul por serem mais desenvolvidas economicamente tiveram o surgimento dos grupos escolares primeiro do que as outras regiões que eram menos desenvolvidas.

Por fim, em 1971 a Lei 5.692 gerou mudanças significativas na organização do ensino no Brasil. Uma das principais alterações foi a extinção dos Grupos Escolares. Essa mudança marcou o fim de uma era, no qual as escolas graduadas desempenharam um papel fundamental no cenário educacional e na formação acadêmica, social e cultural dos estudantes.

2.1 As características dos Grupos Escolares

No início havia uma representação sobre como deveria ser a arquitetura. Esperava-se que as construções dos prédios e as fachadas refletissem os palacetes grandioso e luxuosos (VIDAL, 2006), com a intenção de passar confiança para os pais, principalmente os da elite, visto que a partir de um prédio novo, bonito e moderno a qualidade do ensino seria melhor. Apesar disso, Vidal (2016) aponta que essa representação arquitetônica dos prédios escolares como palácios não aconteceu em todas as regiões do país, pois ainda persistia a precariedade e a insuficiência por falta de estrutura financeira.

A falta de investimento está relacionada com a divisão de poderes, pois naquele período a instrução pública ficou sob responsabilidade do Estado e dos municípios. O Estado deixou noencargo dos municípios a oferta de espaço, prédio, reforma, água, contratação de professores, ou seja, toda a necessidade básica para manter a manutenção da instrução, enquanto o Estado apenas mandava os móveis, materiais didáticos e normativas.

Como os municípios não tinham muito dinheiro para investir e adequar-se ao novo modelo de educação conforme o projeto de criação e havia uma cobrança da sociedade exigindo a criação de escolas, a solução encontrada foi oferecer o ensino em condições precárias.

[...] nem todos os primeiros grupos escolares ocuparam locais de destaque na cena urbana. Vários deles não possuíam edifícios em proporções monumentais que merecessem, da retórica republicana, adjetivos laudatórios, tais como: templos ou palácios da instrução. Os espaços funcionais que a moderna pedagogia exigia, como gabinete para diretor, biblioteca, anfiteatro, laboratórios, secretaria, oficinas, pátios etc., também foram desconsiderados [...] (BENCOSTTA, 2001, p. 136).

Outra característica dos Grupos Escolares era a separação dos sexos entre meninos e meninas, tanto nas salas de aula quanto no recreio. E quando o edifício não tinha sido construído para tal finalidade, era adaptado conforme citado por Filho e Vidal (2000, p. 25) “[...] À divisão formal da planta, às vezes, era acrescentado um muro, afastando rigidamente e evitando a comunicação entre os dois lados da escola. Esses prédios tinham entradas laterais diferentes para os sexos. [...]”. Isso porque, haviam normas e crenças que motivaram acreditar que os meninos e meninas tinham necessidades educacionais diferentes e que iriam ao encontro com os papéis sociais estabelecidos na sociedade.

Além disso, outros aspectos que determinam como padrão de mudança dessas instituições de instrução primária foram que antes as salas eram multisseriadas e agora seriam classe seriadas e divididas por idade; o ensino simultâneo em que todos alunos teriam a mesma atividade e tempo para realizar; a racionalização do currículo com disciplinas mais rígidas e destacando o caráter e os valores cívicos na formação, o controle do tempo, caixa escolar, formação qualificada dos professores e o uso do métodos intuitivo (ARAUJO; SOUZA, 2012). É importante destacar que esse método foi considerado como a principal marca da modernização educacional, pois trata-se de desenvolver simultaneamente e equilibradamente todas as potencialidades do sujeito, sendo a intuição sensível, mental e moral, a partir da observação com o objeto, o qual fará uma análise, depois o seu julgamento e para que ao final tenha compreensão (GUIMARÃES; JÚNIOR, 2012).

Ainda na tentativa de padronização do ensino nesse período, a intenção da obrigatoriedade do uso dos uniformes escolares de acordo com Martínez e Rodrigues (2014) ajudaria a encobrir as diferenças sociais entre os alunos, projetando valores de igualdade. No entanto, nem todas as famílias tinham condições financeiras de comprar, principalmente os que pertenciam às camadas mais inferiores e conseqüentemente afastaram esse público de frequentarem as escolas (SOUZA, 2008).

Outro aspecto notável desse período foi o surgimento de uma nova categoria profissional: o diretor (SOUZA, 1998). Em sua maioria eram do sexo masculino e os únicos responsáveis pela escola perante o governo. Dessa forma, tinham a função de fiscalizar os

professores, alunos e conteúdo. Além disso, organizavam horários e contratavam professores.

Juntamente com a figura do diretor, surgiu o Diário de Lições ou Diário de Classe, com a intenção de fiscalizar o trabalho docente (SOUZA, 1998). Este documento é utilizado até nos dias atuais pelas escolas, que ajuda o docente a ter controle de frequência dos estudantes e registra as atividades desenvolvidas com a turma. Facilitando o diretor a ter acesso desses registros, supervisionando o trabalho do profissional.

Por fim, existiam práticas que colaboraram para reforçar o imaginário sociopolítico da República que segundo Souza (1998) eram:

Os exames, as festas de encerramento do ano letivo, as exposições escolares e as datas comemorativas constituem rituais e expressões da inserção da escola no tempo histórico e social. Enquanto práticas simbólicas permitem evidenciar como a escola primária pode articular práticas educativas como imaginário sóciopolítico republicano [...] (SOUZA, 1998, p. 275).

É possível notarmos que essas práticas são mais do que simples atividades escolares, são rituais que inserem a escola no contexto histórico e social. Esses eventos simbólicos mostram como a escola não só ensina, mas também reforça os valores e ideias republicanas na sociedade, articulando as práticas educativas com o imaginário sociopolítico da época.

3 Conclusões

Os Grupos Escolares não apenas moldaram a educação no Brasil, mas também influenciaram nas transformações sociais e culturais da época. O contexto histórico e educacional que levou à criação dos Grupos Escolares no Brasil no final do século XIX partiu de um governo republicano que se apoiou na educação para a construção de uma nação moderna e civilizada.

Cabe destacarmos que essas instituições tiveram conquistas significativas como a expansão do acesso à educação pública, padronização do ensino, formação de professores, materiais didáticos e métodos de ensino moderno. No entanto, enfrentam desafios como falta de investimento do governo, infraestrutura inadequada, desigualdade regional, falta de professores qualificados.

Ao decorrer do texto é possível observarmos as características que são reproduzidas na contemporaneidade como a figura do professor, diário de classe, as comemorações de datas festivas, uniforme, exames e o caixinha escolar, sendo aspectos herdados durante a implementação desse modelo de escola.

Dessa forma, concluímos que os Grupos Escolares foi um avanço no sistema educacional brasileiro naquele período, pois havia uma organização da instrução primária, inovações pedagógicas e valorização da educação. Porém é importante evidenciar a luta das camadas populares pela escola pública, salientando os desafios enfrentados para frequentar e permanecer nessas instituições de ensino.

Portanto notamos a importância de pesquisas na área da História da Educação, pois ajuda a entender o passado e o legado deixado pelos Grupos Escolares, sendo essencial para avaliar e interpretar a contemporaneidade, além de aprimorar ou criar futuras políticas públicas educacionais que promovam um ensino de qualidade acessível a todos.

4 Financiamento e agradecimentos

Expressamos nossa gratidão ao Programa de Pós-graduação em Educação pelo oferecimento da disciplina Tópicos Especiais em História da Educação III: história das instituições escolares. Agradecemos aos docentes Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro e Dr. Sauloéber Tarsio de Souza por ministrar a disciplina com dedicação, ao qual colaborou para a construção dos nossos conhecimentos.

Agradecemos também à Universidade Federal de Uberlândia por proporcionar e disponibilizar os espaços físicos para os encontros das aulas. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho. E por fim, a todas as colegas da turma que compartilharam momentos inesquecíveis durante as aulas, ajudando a tornar esta experiência enriquecedora.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza; SOUZA; Sauloéber Tarsio de. A Escola Primária em Minas Gerais e no Triângulo Mineiro (1891-1930). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SOUZA, Sauloéber Tarsio de (orgs.). **Grupos Escolares na Modernidade Mineira: Triângulo e Alto Paranaíba**. Campinas: Alínea, 2012. cap 1, p.15-40. Acesso em: 12 jul. 2024.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 103-141, dez. 2001. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.236>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FJghRmsfGKdBkyzrRLyKwXs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BEZERRA, Luciene Teresinha de Souza. **Da sombra da magnólia ao porvir do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado de 1956 a 1971**. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado

em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.8>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17739/1/SombraMagnoliaPorvir.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E ACADÊMICA. **Zenodo**, Campina Grande, v. 1, n.2, p. 149-159, 12 ago. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.8240361>. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48/53>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FILHO, Luciano Mendes Faria de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista brasileira de educação**, São Paulo, n.14, p. 19-34, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001210060>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro; JÚNIOR, Décio Gatti. O Método Intuitivo na Escolarização Republicana: indícios da circulação de conhecimentos teóricos e da realização de práticas relativas ao ensino intuitivo no Grupo Escolar de Uberaba-MG (1908-1918). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SOUZA, Sauloéber Tárσιο de (orgs.). **Grupos Escolares na Modernidade Mineira: Triângulo e Alto Paranaíba**. Campinas: Alínea, 2012. cap 4, p. 93- 120. Acesso em: 12 jul. 2024.

MARTÍNEZ, Sílvia Alicia; RODRIGUES, Rodrigo Rosselini Julio. Uma História Comparada da Escola Primária na Primeira República Brasileira. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 391-399, 1 nov. 2014. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/che-v13n1-2014-22>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/28166>. Acesso em: 18 jul. 2024.

PILETTI, Fernanda. **Memórias de escolarização no meio rural de Farroupilha: o grupo escolar Jansen (1937-1958)**. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4400>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SOUZA, Rosa Fátima de. A configuração das Escolas Isoladas no estado de São Paulo (1846 – 1904). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-Pr, v. 16, n. 2, p. 341-377, abr. 2016. Universidade Estadual de Maringá. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v16i2.931>. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40763/pdf_125. Acesso em: 12 jul. 2024.

SOUZA, Rosa Fátima de. Os grupos escolares e a história do ensino primário na Primeira República: questões para um debate. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 17, n. 34, p. 273-284, maio-ago. 2008. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Revistadeeducacaopublica/2008/no34/4.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890\1910)**. São Paulo: EDUNESP. p. 25-87, 1998. Acesso em: 12 jul. 2024.

VIDAL, Diana Gonçalves. Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da

infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP. **Mercado de Letras**. p. 1-148, 2006.

Disponível em:

file:///C:/Users/usuario/Downloads/GRUPOS_ESCOLARES_CULTURA_ESCOLAR_PRIMARI%20(1).pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.